



Constantino e Hillel II e a Enganação Massiva

No quarto século dC, o antigo Shabat foi suplantado pelo Sábado por meio de uma mudança nos calendários.

O verdadeiro Shabat das Escrituras foi perdido

Uma das maiores fraudes na história do mundo foi perpetrada há quase 1.700 anos pelas ações de dois homens. O imperador Romano, Constantino, cometeu um ato portentoso: ele unificou seu império ao promover o Domingo como o dia da ressurreição de Yahushua e proibiu o uso do calendário Bíblico para calcular a Páscoa. Isso desencadeou uma série de reações. O líder Judeu Hillel II respondeu à perseguição que seguiu esta legislação por uma modificação do calendário bíblico. Isso substituiu o verdadeiro Shabat pelo Sábado pagão. Foi uma cadeia de *ações* e *reações* de proporções épicas. As ramificações continuam até hoje com cada Cristão e Judeu que adora pelo calendário Gregoriano.

AÇÃO

Constantino



O século IV foi uma grande mudança radical na tumultuosa corrente oceânica da história. O Cristianismo estava ganhando uma presença cada vez maior no Império



Romano, enquanto o paganismo permanecia a influência dominante. O momento era propício para alguém com poder e iniciativa para aproveitar um momento único na história.

Constantino, o Grande (c. 272 – 337 dC) é amplamente visto como o primeiro imperador “Cristão” do Império Romano. A realidade é que ele era, antes de tudo, um pagão. Ele se permitiu ser batizado pouco antes de sua morte, mas manteve sua posição como chefe da religião do estado e carregou seu título, *Pontifex Maximus*, até sua morte.^[1] Até os Católicos admitem que Constantino manteve o cargo de *pontífice máximo* após sua assim chamada “conversão.”^[2]

Constantino também era um estrategista brilhante com uma agenda política. Ele queria unir as duas facções mais influentes em seu império: pagãos e Cristãos. Os Judeus eram uma minoria desprezada cuja influência deveria ser contida e marginalizada. Assim, os esforços de Constantino para unir seu império se concentraram em encontrar um terreno comum para unir os pagãos e os Cristãos ocidentais pagãos. Ele encontrou isso no Domingo da semana pagã planetária.

O calendário Juliano primitivo, como o da República Romana antes dele, tinha uma semana de oito dias. As letras A a H representavam os dias da semana. Naquela época, diferentes países usavam meios diferentes de acompanhar o tempo e, dentro do próprio Império Romano, havia diferenças regionais no calendário Juliano. A semana planetária pagã de sete dias chegou a Roma no primeiro século Antes da Era Cristã.^[3]

Apesar do surgimento da semana planetária, o calendário Juliano primitivo continuou a usar uma semana de oito dias por algum tempo. “O ciclo nundinal [de oito dias] foi eventualmente substituído pela moderna semana de sete dias, que entrou em uso pela primeira vez na Itália durante o início do período imperial,^[4] *depois que o calendário Juliano entrou em vigor em 45 aC. O sistema de letras nundinais também foi adaptado para a semana [de sete dias]... Por um tempo, a semana e o ciclo nundinal coexistiram, mas, na época em que a semana foi oficialmente adotada por Constantino em 321 d.C., o ciclo nundinal havia caído em desuso.*”^[5] Enquanto a semana planetária pagã de sete dias era conhecida pelos Romanos e usada regionalmente, o calendário Juliano em uso durante e imediatamente após a vida de Yahushua, ainda usava uma semana de oito dias.

Este fato é apoiado por evidências arqueológicas: os fastos Julianos ainda existentes hoje mostram semanas de oito dias ou listam semanas de oito e sete dias no mesmo calendário.

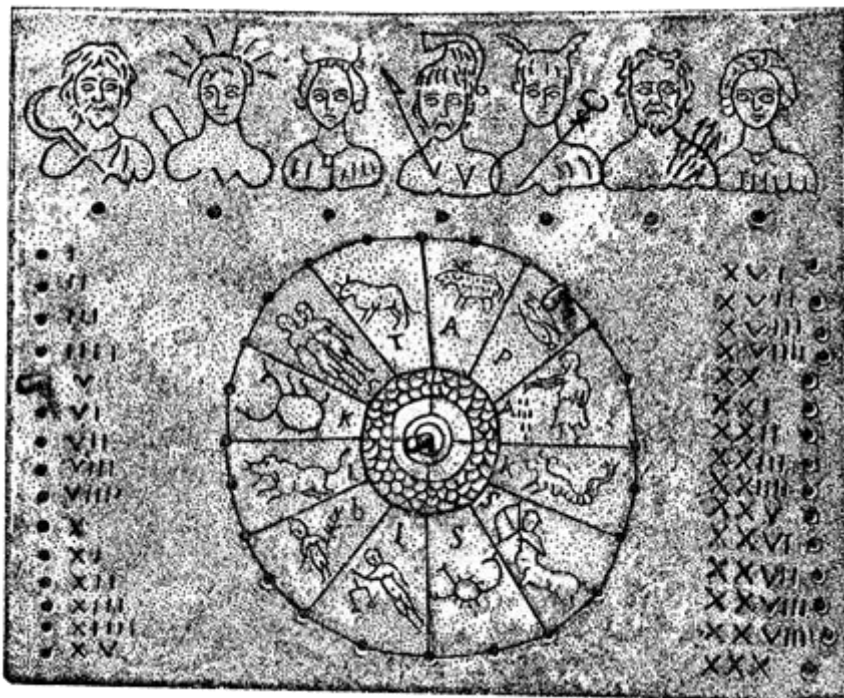
O declínio da semana de oito dias coincidiu com a expansão de Roma. . . . As semanas astrológicas [planetárias] e Cristãs de sete dias que acabavam de ser introduzidas em Roma também estavam se tornando cada vez mais populares. Há evidências indicando que a semana Romana de oito dias e esses dois ciclos de sete dias foram usados simultaneamente por algum tempo. *No entanto, a coexistência de dois ritmos semanais que estavam totalmente desfasados entre si obviamente não poderia ser sustentada por muito tempo. Um deles claramente tinha que ceder. Como todos sabemos, foi a semana de oito dias que logo desapareceu das páginas da história para sempre.*^[6]

Esta não foi uma transformação imediata. À medida que a semana planetária de sete dias se tornou mais popular, o uso das letras (A a G) para designar os dias foi deixado de lado e os dias da semana foram nomeados em homenagem aos deuses planetários.



Não há dúvida de que a difusão dos mistérios Iranianos [Persas] teve um papel considerável na adoção geral, pelos pagãos, da semana com o Domingo como um dia santo. *Os nomes que empregamos, sem saber, para os outros seis dias, entraram em uso ao mesmo tempo em que o Mitrismo conquistou seus adeptos nas províncias do Ocidente, e não é precipitação estabelecer uma relação de coincidência entre seu triunfo e esse fenômeno concomitante.*^[7]

Evidências arqueológicas mostram que os Cristãos datam duas vezes suas inscrições sepulcrais, dando tanto a data solar Juliana quanto a data correspondente no calendário Bíblico luni-solar. Uma dessas inscrições, datada de Sexta-feira, 5 de Novembro de 269 dC, diz: "No consulado de Cláudio e Paterno, na Nona de novembro, no dia de Vênus e no dia 24 do mês lunar, Leuces colocou [este memorial] à sua muito querida filha Severa, e ao Teu Espírito Santo. Ela morreu [com a idade] de 55 anos e 11 meses, [e] 10 dias."^[8]



Este calendário de adesivo das Termas de Tito, construída em 79-81 dC, mostra Saturno, segurando sua foice, como deus do primeiro dia da semana (Sábado). O deus do sol é o próximo (Domingo), seguido pela deusa da lua (Segunda-feira) no terceiro dia da semana.

Esta foi a situação que Constantino aproveitou para promover sua agenda política. Foi um delicado ato de equilíbrio que favoreceu mais a facção pagã do que a Cristã. Primeiro, ele promulgou uma série de leis que honravam o dia do Sol, *dies Solis*, ou Domingo. Na semana planetária original, o Sábado tinha sido o primeiro dia da semana. Domingo era o

segundo dia da semana e Sexta-feira era o sétimo dia.

O sol, no entanto, era o símbolo pessoal de Constantino. Ele tinha *Sol Invictus* (Sol Invencível) inscrito em suas moedas e permaneceu seu lema pessoal por toda sua vida. Exaltar o Domingo era aceitável para os pagãos e algo em que alguns Cristãos já haviam se comprometido. No século II, muitos Cristãos (particularmente no ocidente) já haviam reverenciado o Domingo como o dia da ressurreição do Salvador. Esta foi a abertura que Constantino precisava para unir o paganismo e o Cristianismo.

A *lei Dominical* de Constantino não deve ser superestimada. Ele ordenou a observância, ou melhor, proibiu a profanação pública do Domingo, não sob o nome de *Sabbatum* [Shabat] ou *dies Domini* [dia do Senhor], mas sob seu antigo título astrológico e pagão, *dies Solis* [Domingo], familiar a todos os seus súditos, de modo que a lei era tão aplicável aos adoradores de Hércules, Apolo e Mitra, quanto aos Cristãos. *Não há qualquer referência em sua lei ao quarto mandamento ou à ressurreição de Cristo.*^[9]



Constantino é visto como um Cristão por causa de sua lei Dominical, mas sua “lei Dominical” era deliberadamente ambígua. Ele queria que fosse aceitável tanto para pagãos quanto para Cristãos!

Como tal lei favoreceria os desígnios de Constantino, não é difícil descobrir. Ela conferiria uma honra especial ao festival da igreja Cristã,^[10] e concederia um pequeno benefício aos próprios pagãos. *De fato, não há nada neste edito que não possa ter sido escrito por um pagão.* A lei honra a divindade pagã que Constantino adotou como seu deus patrono especial, Apolo ou o Sol. *O próprio nome do dia se prestava a essa ambigüidade.* O termo Domingo (*dies Solis*) estava em uso tanto entre os Cristãos quanto entre os pagãos.^[11]

A semana planetária de sete dias foi o veículo para a mudança. Tanto a semana Juliana de oito dias quanto a semana Bíblica de sete dias foram deixadas de lado em favor da semana planetária do Mitraísmo. Esta semana veio do paganismo, *não* da Bíblia como os Cristãos hoje assumem. “O tempo estava maduro para uma reconciliação entre Estado e Igreja, cada um dos quais precisava do outro. Foi um golpe de gênio em Constantino perceber isso e agir de acordo. Ele ofereceu paz à igreja, desde que ela reconhecesse o estado e apoiasse o poder imperial.”^[12]

A lei Dominical de Constantino reconciliou os pagãos e muitos dos Cristãos. No entanto, também serviu para trazer à tona uma controvérsia que já durava mais de 100 anos: quando celebrar o sacrifício do Salvador. Até esse momento, muitos Cristãos, especialmente no leste, ainda estavam adorando no Shabat do sétimo dia, bem como guardando as festas anuais de Yahuh calculadas pelo calendário Bíblico luni-solar. Mesmo muitos que abraçaram a adoração no Domingo ainda usavam o calendário Bíblico para calcular a Páscoa.

Foi um debate de longa data envolvendo dois calendários diferentes.

Desde o século II d.C. havia uma divergência de opinião sobre a data para celebrar o aniversário pascal (Páscoa) da paixão do Senhor (morte, sepultamento e ressurreição).

A prática mais *antiga* parece ter sido observar o décimo quarto (a data da Páscoa), décimo quinto e décimo sexto dias do mês lunar, *independentemente do dia da semana*

[Juliana] em que essas datas possam cair de ano para ano. Os bispos de Roma, desejosos de aumentar a observância do Domingo como

uma festa da igreja, determinaram que a celebração anual deveria sempre ser realizada na Sexta-feira, Sábado e Domingo após o décimo quarto dia do mês lunar. Em Roma, Sexta-feira e Sábado de Páscoa eram dias de jejum, e no Domingo o jejum era quebrado pela comunhão. *Essa controvérsia durou quase dois séculos, até que Constantino interveio em favor dos bispos Romanos e tornou ilegal o outro grupo.*^[13]

Uma declaração de Eusébio de Cesaréia revela que as igrejas da Ásia há muito se apegaram a observar a Páscoa em 14 de Abib, enquanto as igrejas do oeste fizeram a transição para o **Domingo de Páscoa pagão:**

Uma questão de não pouca importância surgiu naquela época [final do século II] para as paróquias de toda a Ásia, pois de uma tradição mais antiga, *afirmava-se que o décimo quarto dia da lua, dia em que os Judeus eram ordenados a sacrificar o cordeiro*, deveria



Páscoa: Páscoa pagã



ser observado como a festa da Páscoa do Salvador. Portanto, era necessário terminar o jejum naquele dia, *qualquer que fosse o dia da semana [Juliana] que fosse*. Mas não era costume das igrejas no resto do mundo acabar com isso neste momento....^[14]

O ciclo semanal contínuo do calendário Juliano significava que a Páscoa Bíblica em 14 de Abib poderia cair em qualquer dia da semana Juliana. Conseqüentemente, Abib 16, o dia da ressurreição, nem sempre caiu no Domingo. Aqueles que pressionavam por uma celebração da Páscoa pagã no calendário Juliano redigiram um decreto, proclamando que todos os Cristãos deveriam observar a ressurreição no Domingo de Páscoa [a pagã do Coelho], em vez da Páscoa de Abib 14. Assim, a observação de um feriado pagão ostensivamente honrando a ressurreição de Jesus suplantou a festa de Yahuh comemorativa da morte de Yahushua.

Sínodos e assembléias de bispos foram realizadas por este motivo, e todas, com um consentimento, por correspondência mútua redigiram um decreto eclesiástico, que o mistério da ressurreição do Senhor não deveria ser celebrado em outro senão no dia do Senhor [Domingo], e que devemos observar o encerramento do jejum pascal somente neste dia.^[15]



A Ressurreição: Páscoa? Ou Primícias?

Aqueles que se apegaram ao calendário Bíblico imediatamente protestaram contra o decreto arrogante dos bispos ocidentais. Em uma carta enviada a Victor, Bispo de Roma, Polícrates declarou sua firme crença em continuar a usar o calendário Bíblico para a observação da Páscoa. Sua carta é de particular importância para os Cristãos hoje porque lista João, o Amado, e o Apóstolo Filipe, como celebrando a Páscoa! Eusébio relata:

Mas os bispos da Ásia, liderados por Polícrates, *decidiram manter o antigo costume*

que lhes foi transmitido. Ele próprio, numa carta que dirigiu a Victor e à igreja de Roma, expôs com as seguintes palavras a tradição que lhe tinha chegado:

Nós observamos o dia exato; nem acrescentando, nem tirando. Pois também na Ásia adormeceram grandes luzes, que ressuscitarão no dia da vinda do Senhor, quando ele vier do céu com glória, e procurará todos os santos. Entre estes estão Filipe, um dos doze apóstolos. . . e, além disso, João, que foi uma testemunha e um professor, que se reclinou no seio do Senhor, e . . . adormeceu em Éfeso. E Policarpo em Esmirna, que foi bispo e mártir. . . *Todos estes observaram o décimo quarto dia da páscoa segundo o Evangelho, não se desviando em nenhum aspecto, mas seguindo a regra da fé.*^[16]

Se os crentes na Ásia estavam se recusando a desistir do calendário Bíblico para calcular a Páscoa, é provável que eles também se recusassem a abandonar o verdadeiro Shabat calculado pelo mesmo calendário. O Bispo de Roma “imediatamente tentou separar da unidade comum as paróquias de toda a Ásia, com as igrejas que concordavam com elas como heterodoxas; e ele escreveu cartas e declarou todos os irmãos ali totalmente excomungados.”^[17]

É importante notar que nunca houve qualquer discussão sobre quando a ressurreição realmente ocorreu. Ambos reconheceram que ocorreu em 16 de Abib do calendário luni-solar. O desacordo, como observado na citação acima, foi sobre quando *celebrá-la*. As datas são estabelecidas por calendários, então, em última análise, foi uma discussão sobre qual calendário seria usado para determinar a celebração. A fim de unificar verdadeiramente Cristãos e pagãos, a observância da crucificação e ressurreição teve que



ser transferida do calendário *luni-solar* Bíblico para o calendário *solar* pagão Juliano. Quatro anos depois dos decretos que exaltavam o Domingo em 321 dC, Constantino convocou o Concílio de Nicéia em 325 para resolver esse debate.

O sacrifício do Salvador não mais seria observado nos dias 14, 15 e 16 de Abib no calendário luni-solar. No futuro, essas lembranças seriam transferidas para a Sexta-feira, Sábado e Domingo de Páscoa do calendário Juliano, que pode variar de 20 a 22 de março a 22 a 25 de abril. O bispo de Roma, ele próprio desejoso de maior poder e influência, jogou o peso de sua influência com Constantino. “Na época de Constantino, a apostasia na igreja estava pronta para a ajuda de um governante civil amigável para prover a força de coerção que faltava.”^[18]

Constantino foi enfático que o calendário Judaico não deveria mais ser usado para calcular essas datas.

No Concílio de Niceia [Nicéia] foi rompido o último fio que ligava o Cristianismo à sua matriz. A festa da Páscoa até agora era celebrada na maior parte ao mesmo tempo que a Páscoa Judaica, e de fato nos dias calculados e fixados pelo Synhedrion [Sinédrio] na Judéia para sua celebração; *mas, no futuro, sua observância deveria ser totalmente independente do calendário Judaico*, “Pois é impróprio além da medida que nesta mais sagrada das festas devamos seguir os costumes dos Judeus. De agora em diante, não tenhamos nada em comum com esse povo odioso; nosso Salvador nos mostrou outro caminho. Seria realmente absurdo se os Judeus pudessem se gabar de que não estamos em condições de celebrar a Páscoa sem a ajuda de suas regras (cálculos).” Estas observações são atribuídas ao imperador Constantino. . . [e tornaram-se] o princípio

Constantino realizou três coisas, cujos efeitos em cascata ressoam até hoje:

1. Padronizou a semana planetária de sete dias fazendo *dies Solis* (Domingo) o primeiro dia da semana, com *dies Saturni* (Sábado) o último dia da semana.
2. Exaltou a Páscoa e garantiu que a verdadeira Páscoa e a Páscoa pagã nunca cairiam no mesmo dia.
3. Exaltou *dies Solis* como o dia de adoração para pagãos e Cristãos.

orientador da Igreja *que agora deveria decidir o destino dos Judeus*.^[19]

O efeito a longo prazo foi que o “Domingo de Páscoa” entrou no paradigma Cristão como o **Dia da ressurreição de Cristo**. *O corolário desse realinhamento do cálculo do tempo foi que o dia anterior ao Domingo de Páscoa, Sábado, tornou-se a partir de então o ‘verdadeiro’ Shabat Bíblico. Este é o verdadeiro significado da “lei Dominical” de Constantino* e lançou as bases para a suposição moderna de que um ciclo semanal contínuo sempre existiu.^[20]

O resultado das ações de Constantino realmente favoreceu a facção pagã do império. No entanto, os bispos corruptos de Roma puderam apresentar essas ações como favoráveis aos Cristãos. “Na época de Constantino, a apostasia na igreja estava pronta para a ajuda de um governante civil amigável para prover a força de coerção que faltava.”^[21] O verdadeiro calendário luni-solar, transmitido desde a Criação e Moisés, foi perdido.

Resultado

O resultado do ecumenismo de Constantino foi rapidamente sentido. Todos os que se recusaram a desistir do uso do calendário Bíblico para o cálculo da Páscoa, sentiram a pesada mão da opressão cair sobre eles. O filho de Constantino, Constâncio, levou o ato de seu pai um passo adiante e proibiu o uso do calendário Bíblico também para os Judeus. O historiador David Sidersky observou: “Não era mais possível sob Constâncio *aplicar o antigo calendário*.”^[22]



Nos anos seguintes, os Judeus passaram por “ferro e fogo.” *Os imperadores Cristãos proibiram o cálculo Judaico do calendário* e não permitiram o anúncio dos dias de festa. Graetz diz, “As comunidades Judaicas ficaram em dúvida sobre as decisões religiosas mais importantes: quanto às suas festas.” A consequência imediata foi a fixação e cálculo do calendário Hebraico por Hillel II.^[23]



A Troca: Cristãos se tornando Pagãos

trabalhar no dia do Senhor. Este decreto, traduzido para o Português, afirma:

Os Cristãos não Judaizarão e ficarão ociosos no Sábado, mas trabalharão nesse dia; mas o dia do Senhor eles devem honrar especialmente e, como Cristãos, se possível, não farão nenhum trabalho nesse dia. Se, no entanto, eles forem encontrados Judaizando, eles serão excluídos de Cristo.

De acordo com o bispo e estudioso Católico Romano Karl Josef von Hefele (1809-1893), o uso da palavra “Sábado” na citação acima é incorreto. No original, a palavra usada era *Shabat* ou *Sabbato*, e não *dies Saturni* ou *Sábado*.

Quod non oportet Christianos Judaizare et otiare in Sabbato, sed operari in eodem die. Preferentes autem in veneratione Dominicum diem si vacre voluerint, ut Christiani hoc faciat; quod si reperti fuerint Judaizare Anathema sint a Christo.

Os Cristãos na época da mudança do calendário não estavam confusos sobre o Sábado ser o Shabat. Todos sabiam que a *dies Saturni* havia sido movido recentemente do primeiro dia da semana pagã, planetária, para o último dia. . . enquanto *Sabbato* era o sétimo dia do calendário luni-solar Judaico com o qual ninguém no poder desejava estar associado. Novamente, estes foram dois dias diferentes em dois sistemas de calendário distintos.^[25]

O poder político de Roma deu apoio aos decretos religiosos de Constantino e Constâncio. Embora alguns estudiosos tenham assumido erroneamente que o conflito foi do Sábado contra o Domingo, a realidade histórica revela que as pessoas da época estavam bem cientes da existência do calendário luni-solar Bíblico e como usá-lo. Muitos crentes no oriente ou além dos limites do Império Romano tinham aversão a abandonar a cronometragem Bíblica. “Aqueles Cristãos que estavam procurando uma saída de sua dificuldade com a observância do Shabat passaram a ter maior consideração pelo primeiro dia da semana [Juliana]. Mas outros nos arredores do Império, onde o anti-Semitismo não existia, continuaram a venerar o Shabat do sétimo dia.”^[26]

REAÇÃO

O ato de Constâncio também impactou os Cristãos Apostólicos. Enquanto Tertuliano^[24] revela que cristãos paganizados já estavam transferindo sua adoração para o “dia do Sol” já no segundo século, outros se apegaram ao verdadeiro Shabat por mais de 1.000 anos. Quase 40 anos após o Concílio de Nicéia, o Concílio de Laodicéia (c. 363-364) divulgou uma declaração exigindo que os Cristãos trabalhassem no Shabat e se abstivessem de



Hillel II

Assim como Constantino foi o poder por trás de uma ação que acabou levando à destruição do calendário Bíblico para uso dos Cristãos, outro homem, um Judeu, foi responsável por uma *reação* que teve consequências de igual alcance.

Antes da destruição de Jerusalém, o Sumo Sacerdote estava encarregado do calendário. “Enquanto o *Sinédrrio* (Supremo Tribunal Rabínico) presidia em Jerusalém, não havia calendário definido. Eles avaliavam todos os anos para determinar se deveria ser declarado um ano bissexto.”^[27] Essa tarefa coube ao presidente do Sinédrrio quando o sacerdócio não existia mais. “Sob o reinado de Constâncio (337-362) as perseguições aos Judeus atingiram tal ponto que . . . o *cálculo do calendário [foi] proibido sob pena de punição severa.*”^[28] Foi como uma reação a esta situação que Hillel II, Presidente do Sinédrrio, deu o passo extraordinário em 359 dC de modificar o antigo calendário Bíblico para permitir que os Judeus coexistissem mais facilmente com os Cristãos.

Depois de Hillel II

Comunidades distantes não precisariam mais esperar que os mensageiros do presidente do Sinédrrio chegassem até eles para saber quando um novo mês havia começado. A partir de então, cada comunidade seria capaz de determinar por si mesma quando um novo mês começaria e quando um 13º mês deveria ser adicionado.

O Calendário “Fixo”

Quando Hillel II “fixou” o calendário, ele incorporou anos bissextos de forma permanente.^[29] É possível, mas não demonstrável, que esse ciclo particular de anos bissextos tenha sido usado e compreendido antes de Hillel, pois segue o ciclo metônico de 19 anos. Hillel baseou seu calendário “em cálculos matemáticos e astronômicos [em vez de observações]. Este calendário, ainda em uso, padronizou a duração dos meses e a adição de meses ao longo de um ciclo de 19 anos, para que o calendário lunar se realinhasse com os anos solares.”^[30] Ele declarou um décimo terceiro mês a ser intercalado em 3º, 6º, 8º, 11º, 14º, 17º e 19º anos do ciclo de 19 anos.

Mas Hillel fez mais do que divulgar um ciclo de 19 anos de intercalações que foi, com toda probabilidade, usado o tempo todo. Ele também transferiu a observância do antigo Shabat dos dias 8, 15, 22 e 29 do mês lunar para todos os Sábados dos meses Julianos. Essa mudança exigia ainda outra: regras de adiamento. A mudança do Shabat semanal do calendário luni-solar para o Sábado está claramente implícita na necessidade de regras de adiamento que, antes da “fixação” do calendário por Hillel, eram desnecessárias. De acordo com a *Enciclopédia Judaica Universal*, “A Lua Nova ainda é, e o *Shabat originalmente era, dependente do ciclo lunar.*”^[31] Quando o Shabat e as festas anuais são calculadas pelo calendário luni-solar, regras de adiamento são desnecessárias. É somente quando as festas anuais são calculadas por um calendário, e o Shabat semanal é calculado por outro, que há conflitos que exigem regras de adiamento.

“Declarar o novo mês pela observação da lua nova e o ano novo pela chegada da primavera só pode ser feito pelo Sinédrrio. No tempo de Hillel II, o último presidente do Sinédrrio, os Romanos proibiram esta prática. Hillel II foi, portanto, forçado a instituir seu calendário fixo, dando assim de fato a aprovação antecipada do Sinédrrio aos calendários de todos os anos futuros.”

“O Calendário Judaico e Feriados (incl. Shabat): O Calendário Judaico: Mudando o Calendário,” <http://www.torah.org>.

Regras de adiamento



1. O Ano Novo Judaico e a Festa das Trombetas não podem cair no Domingo, Quarta ou Sexta-feira.

2. Se a Lua Nova (molad) do sétimo mês cair no Domingo, Quarta ou Sexta-feira, a Lua Nova é adiada para o dia seguinte.

3. Se a molad do sétimo mês de um ano comum ocorrer na Terça-feira às 3:204/1080 A.M. ou mais tarde, a Lua Nova é adiada para Quinta-feira.

4. Em um ano comum após um ano bissexto, se a molad do sétimo mês ocorrer após as 9h A.M. e 589/1080 partes em uma manhã de Segunda-feira, a Lua Nova é adiada para Terça-feira.

Sem as regras de adiamento, as festas anuais entram em conflito com o Sábado. Por exemplo, se a Festa das Trombetas (Lua Nova para o sétimo mês) caísse em um Domingo, o último dia da Festa dos Tabernáculos cairia em um Sábado, em conflito com a observância tradicional do último dia da festa. Daí a necessidade da primeira e segunda regras de adiamento. A terceira regra de adiamento garante que o ano comum em questão não seja superior a 355 dias. A quarta regra de adiamento garante que um ano comum após um ano bissexto não seja inferior a 383 dias.^[32]

Este calendário “fixo” é altamente regimentado.

Existem exatamente quatorze padrões diferentes que os anos do calendário Hebraico podem ter, distinguidos pela duração do ano e pelo dia da semana em que Rosh Hashaná cai. Como as regras são complexas, um padrão pode se repetir várias vezes ao longo de alguns

anos e não se repetir por muito tempo. Mas o calendário Judaico é conhecido por ser extremamente preciso. Ele não “perde” ou “ganha” tempo como alguns outros calendários fazem.^[33]

Este foi um ato de sobrevivência de Hillel II. Foi feito em resposta às perseguições brutais do filho de Constantino, Constâncio.

Com sua própria mão o Patriarca destruiu o último vínculo que unia as comunidades dispersas pelos impérios Romano e Persa com o Patriarcado. Ele estava mais preocupado com a certeza da continuidade do Judaísmo do que com a dignidade de sua própria casa e, portanto, abandonou as funções pelas quais seus ancestrais . . . tinham sido tão zelosos e solícitos. Os membros do Sinédrio favoreceram esta inovação.^[34]

Resultado

Hoje, quase 1700 anos depois, a ação de Constantino e sua resultante reação de Hillel II ainda estão impactando centenas de milhões de pessoas ao redor do mundo.

- Os Católicos adoram no Domingo em honra da ressurreição. Isso está de acordo com o ato de Constantino que mudou a observância de uma Páscoa calculada pelo calendário luni-solar para a Páscoa pagã calculada pelo calendário solar.
- Os Judeus adoram no Sábado porque a lei Talmúdica justifica o ato de guardar um dia em sete quando não se sabe quando o verdadeiro Shabat cai.
- A maioria dos Protestantes se junta aos Católicos na adoração no Domingo, o primeiro dia da moderna semana Gregoriana, assumindo que é o dia da ressurreição.
- Os Protestantes que guardam o Sábado como o Shabat adoram no Sábado porque é o



sétimo dia da semana moderna e eles assumem que já que os Judeus adoram no Sábado, *deve ser* o Shabat Bíblico.

- Os Muçulmanos, da mesma forma, honram o método Gregoriano pagão/papal de calendário indo à mesquita para as orações na Sexta-feira.

Quando Hillel II “fixou” o calendário, ele, em sua posição como Presidente do Sinédrio, efetivamente deu permissão aos Judeus para adorar no Sábado por todo o tempo futuro.

Não é possível encontrar o verdadeiro Shabat do sétimo dia usando o calendário Gregoriano moderno. Este calendário solar nada mais é do que um método pagão de cálculo do tempo. O calendário Juliano inicial foi estabelecido por pagãos, para pagãos. Foi adotado oficialmente para uso eclesiástico no Concílio de Nicéia. Mais tarde, foi ajustado pelo astrônomo **Jesuíta**, Christopher Clavius, a mando do Papa Gregório XIII – daí o nome, calendário Gregoriano. Clavius confirmou que o calendário Juliano (e, portanto, o calendário Gregoriano que vem dele) é fundado no paganismo e não tem nenhuma conexão com o calendário Bíblico.

Em sua explicação do calendário Gregoriano, Clavius admitiu que quando o calendário Juliano foi aceito como o calendário eclesiástico da Igreja, o calendário Bíblico foi rejeitado: “A Igreja Católica nunca usou esse rito [Judaico] de celebrar a Páscoa, mas sempre em sua celebração observou o movimento da lua^[35] e do sol, e assim foi santificado pelos mais antigos e santíssimos Pontífices de Roma, mas também confirmado pelo primeiro Concílio de Nicéia.”^[36] Os “mais antigos e mais santos Pontífices de Roma” aqui mencionados referem-se ao Colégio pagão dos Pontífices do qual Constantino, como *Pontífice Máximo*, era o chefe.

Constantino desejava a unidade. Ele alcançou este objetivo através do ecumenismo e *proibindo* o uso do calendário Bíblico para lembrar **a morte de Yahushua**. Hillel II desejava a sobrevivência física do Judaísmo. Ele alcançou seu objetivo comprometendo-se com o paganismo e *modificando* o calendário Bíblico. O resultado dessa ação e a reação resultante foi a suposição por parte de multidões de que o Sábado é o Shabat Bíblico e o Domingo é o dia em que o Salvador ressuscitou. Assim, Cristãos e Judeus tem calculado seus dias de adoração usando o calendário solar pagão, negligenciando o verdadeiro Shabat de Yahuh.

Ninguém que deseje adorar o Criador em Seu santo Shabat calculará seus dias de adoração por esta **abominação da desolação** que desonra a Yahuh e desola a alma. Somente o calendário luni-solar da Criação pode apontar quando o verdadeiro Shabat ocorre. Deixe de lado as tradições humanas. Aceite somente a palavra de Yah e adore-O por Seu método ordenado de calcular o tempo.

^[1] Este título, agora reivindicado pelo papa, vem da Roma antiga. O *Pontifex Maximus* era o sumo sacerdote do Colégio dos Pontífices da religião Romana pagã. Era tanto um cargo religioso quanto político.

^[2] *Nova Enciclopédia Católica*, Vol. 4, págs. 179-181. Várias inscrições registradas em *Corpus Inscriptionum Latinarum*, 1863 ed., Vol. 2, pág. 58, #481; “Constantine I”, *New Standard Encyclopedia* [*Nova Enciclopédia Padrão*], Vol. 5. Veja também Christopher B. Coleman, *Constantine the Great and Christianity* [*Constantino o Grande e o Cristianismo*], p. 46.



^[3] Ver Robert L. Odom, *Sunday in Roman Paganism* [*Domingo no Paganismo Romano*], “The Planetary Week in the First Century BC” [“A Semana Planetária no Primeiro Século dC”]

^[4] P. Brind'Amour, *Le Calendrier romain: Recherches chronologiques* [*O Calendário Romano: Pesquisas Cronológicas*], 256–275.

^[5] https://en.wikipedia.org/wiki/Roman_calendar#Nundinal_cycle

^[6] Eviatar Zerubavel, *The Seven-day Circle* [*O Círculo de Sete Dias*], p. 46, destaque acrescentado.

^[7] Franz Cumont, *Textes et Monumnets Figures Relatifs aux Mysteres de Mithra* [*Textos e Monumentos Figuras Relativas aos Mistérios de Mitra*], Vol. eu, pág. 112, grifo nosso.

^[8] E. Diehl, *Inscriptiones Latinae Christianae Veteres* [*Inscrições em Latim Cristão Antigo*], Vol. 2, pág. 193, No. 3391. Ver também J. B. de Rossi, *Inscriptiones Christianae Urbis Romae* [*Inscrições da Cidade Cristã de Roma*], Vol. 1, parte 1, pág. 18, nº 11.

J.B. de Rossi,

^[9] Philip Schaff, *History of the Christian Church* [*História da Igreja Cristã*], Vol. III, pág. 380, grifo nosso.

^[10] A esta altura, os Cristãos paganizados no ocidente há muito veneravam o Domingo como o dia da ressurreição de Yahushua.

^[11] J. Westbury-Jones, *Roman and Christian Imperialism* [*Imperialismo Romano e Cristão*], p. 210, grifo nosso.

^[12] Michael I. Rostovtzeff, *The Social and Economic History of the Roman Empire* [*A História Social e Econômica do Império Romano*], p. 456.

^[13] Odom, op. cit., pág. 188, grifo nosso.

^[14] Eusébio, *Church History* [*História da Igreja*], Livro V, Capítulo 23, v. 1, ênfase acrescentada.

^[15] *Ibid.*, v. 2.

^[16] *Ibid.*, Capítulo 24, v. 1-4, 6, ênfase dada.

^[17] *Ibid.*, v. 9.

^[18] Michael I. Rostovtzeff, *The Social and Economic History of the Roman Empire* [*A História Social e Econômica do Império Romano*], p. 456.

^[19] Heinrich Graetz, *History of the Jews* [*História dos Judeus*], (Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1893), Vol. II, pp. 563-564, grifo nosso.

^[20] eLaine Vornholt & Laura Lee Vornholt-Jones, *Calendar Fraud* [*Fraude do Calendário*], “Biblical Calendar Outlawed” [Calendário Bíblico Proibido], ênfase dada.

^[21] Rostovtzeff, op. cit., pág. 456.

^[22] David Sidersky, *Astronomical Origin of Jewish Chronology* [*Origem Astronômica da Cronologia Judaica*], p. 651, grifo nosso.

^[23] Grace Amadon, “Relatório do Comitê sobre Bases Históricas, Envolvimento e Validade da Posição de 22 de outubro de 1844”, Parte V, Sec. B, pp. 17-18, Caixa 7, Pasta 1, Coleção Grace Amadon, (Coleção 154), Centro de Pesquisa Adventista, Universidade Andrews, Berrien Springs, Michigan.

^[24] Tertuliano, *Apologia*, cap. 16, em J.P. Migne, *Patrologiae Latinae* [*Grandes Patrulhas Latinas*], Vol. 1, col. 369-372; tradução padrão para o Inglês em *Ante-Nicene Fathers* [*Pais Pré-Nicenos*], Vol. 3, pág. 31.

^[25] Vornholt, op. cit., “Changing the Calendar: Papal Signo of Authority” [Mudando o Calendário: Sinal Papal de Autoridade].

^[26] Leslie Hardinge, Ph.D., *The Celtic Church in Britain* [*A Igreja Celta na Grã-Bretanha*], p. 76. Os Cristãos na Escócia continuaram a calcular a Páscoa pelo calendário Bíblico até terem uma rainha Católica Romana no século XI.



^[27] http://www.chabad.org/library/article_cdo/aid/526875/jewish/The-Jewish-Year.htm

^[28] Extraído de *The Jewish Encyclopedia* [*A Enciclopédia Judaica*], “Calendar, History of,” <http://jewishencyclopedia.com/articles/3920-calendar-history-of>, ênfase fornecida.

^[29] Para uma explicação de como o calendário rabínico de Hillel II é calculado, veja <http://www.jewfaq.org/calendr2.htm>.

^[30] Judaísmo 101, “Calendário Judaico,” www.jewfaq.org

^[31] *Enciclopédia Judaica Universal*, “Dias Santos”, p. 410.

^[32] <http://www.ironsharpeningiron.com/postponements2.htm>

^[33] http://www.chabad.org/library/article_cdo/aid/526875/jewish/The-Jewish-Year.htm

^[34] Graetz, *op. cit.*, vol. II, pág. 573.

^[35] “A Páscoa é uma festa móvel, o que significa que não ocorre todos os anos na mesma data. Como é calculada a data da Páscoa? O Concílio de Nicéia (325 d.C.) estabeleceu a data da Páscoa como o Domingo seguinte à lua cheia pascal, que é a lua cheia que cai no ou depois do equinócio vernal (primavera).

(http://catholicism.about.com/od/holydaysandholidays/f/Calculate_Date.htm)

^[36] Christopher Clavius, *Romani Calendarii A Gregorio XIII P.M. Restituti*

Explicato [*Calendário Romano A Gregorio XIII B.M. Restaurado Explicado*], p. 54.